

## Mistagogia e acompanhamento espiritual

*Marcelo Vinicius Picini<sup>8</sup>*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar as relações entre o acompanhamento espiritual e a mistagogia, entendida, para tais propósitos, como a prática da iniciação do homem no mistério da fé e da vida cristã. Nesse sentido, parte-se do pressuposto que o acompanhamento se define como um espaço da ação do Espírito Santo à conversão espiritual, ou seja, é a formação espiritual, a capacidade consciente e em permanente fortalecimento de viver uma vida espiritual a partir do coração. Dessa maneira, pretende-se apontar que o acompanhamento espiritual dentro de uma compreensão evangélica, do Espírito Santo, voltada para a iniciação cristã, só pode encontrar um sentido, renovado e atual, da ação pastoral, a partir da mistagogia.

**Palavras-chave:** Acompanhamento Espiritual. Espírito Santo. Mistagogia.

### INTRODUÇÃO

“Não vos conformei com este mundo”, exorta-nos o Apóstolo Paulo, “mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (Rm 12,2). Tendo como norte essas palavras, considera-se a mistagogia como a via desta condução, ou seja, da experiência do mistério da vida cristã. A experiência do homem com Deus, que se retroalimenta por si mesma, dando-lhe possibilidade de estar constantemente refazendo a sua ligação com Deus. A partir dele próprio, da sua existência e em todas as coisas.

Para dar conta desta visão mistagógica do acompanhamento espiritual, iniciaremos contextualizando em que momento social as pastorais eclesiais estão inseridas e quais as propostas levantadas pela CNBB e por outros estudiosos para o enfrentamento da secularização.

Diante deste panorama do distanciamento do homem em relação a Deus, torna-se necessário repensar o homem, também sob o olhar da mistagogia, no que diz respeito “ao fortalecimento da fé, o aprimoramento da oração, a acolhida do Espírito Santo, o discernimento, a conversão, a experiência da vida nova e a inserção numa comunidade cristã” (SILVA, 2017, p. 46). Dessa forma, entende-se que o acompanhamento espiritual como ministério da Igreja também está suscetível a todas essas mudanças catequéticas.

A secularização da sociedade tem despertado um grande desafio na Igreja, pela via da ação pastoral. Levar a mensagem de salvação, deixada nos evangelhos a partir de Jesus de Nazaré, torna-se algo preeminente e, ao mesmo tempo, distante daqueles que ainda não a conhecem (ALBUQUERQUE, 2018).

8 Mestrando no PPG de Teologia da FAJE. Bolsista CAPES. E-mail: [marcelopicini@uol.com.br](mailto:marcelopicini@uol.com.br)

A doutrinação, neste sentido, já não ajuda. É preciso encontrar novos meios de evangelizar que estejam mais próximos das necessidades dos outros. Falar de Deus sem incluir a vida, o contexto social onde as pessoas vivem, sua história e seus problemas, não consegue trazer para a realidade a experiência com Deus.

Como fazer a passagem da doutrinação para uma evangelização inserida no mundo? O documento da CELAM, resultado da Conferência de Aparecida, em 2007, convoca todos para a passagem da pastoral de manutenção para uma pastoral decididamente missionária. Convidando a todos para uma nova compreensão prática, a ação pastoral identifica-se com a ação missionária. Uma pastoral atenta às necessidades e fragilidades daqueles que procuram seguir a Jesus a partir da sua realidade existencial, como sugere o documento.

Mas como acontece este processo de conversão pastoral? Sem uma prática pastoral bem definida como referência, pela qual hoje se busca, a partir de uma experiência cristã necessária em tempos atuais, dificilmente se pode pensar em uma mudança neste processo de conversão pastoral. Desse modo, quais critérios de comparação usar? É preciso partir de uma experiência básica, de iniciação cristã, para identificar o que, dentro de uma sociedade secularizada, distanciou-se do caminho da relação do homem com Deus e assim pensar, na prática, a conversão pastoral. Encontramos o meio paradigmático dessa renovação comunitária nas primitivas comunidades cristãs, tais quais são apresentadas em Atos 2,42-47, que souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com a cultura e as circunstâncias.

Segundo Reinert (2019, p. 18) e Machado (2019, p. 28), é necessária uma experiência básica de iniciação cristã para poder pensar hoje a conversão pastoral. É o resgate da metodologia catecumenal, um dos modelos de iniciação cristã dos mais antigos na Igreja, que tem o querigma e a mistagogia como dois alicerces da pedagogia da fé. A partir, portanto, dessa visão catecumenal, deveria se pensar todas as formas de catequeses, de iniciação cristã e de fortalecimento da fé através da ação pastoral. Nesse sentido, contrapõe-se essa referida visão renovada à de uma pastoral de manutenção.

O acompanhamento espiritual, sob o ponto de vista da prática pastoral, também poderia ser repensado a partir do ponto de vista da iniciação cristã ou de uma pastoral missionária? Conforme veremos adiante, há indícios que sim.

Tanto partindo do princípio de que a “conversão espiritual” não se esgota em si mesma e que se repercute na missão evangelizadora da igreja, ou seja, quando é de Deus se abre ao serviço do próximo, quanto no sentido da iniciação cristã, “o termo Iniciação Cristã sugere, alguma coisa para além da ideia de iniciar, comportando também a visão de introduzir alguém em alguma coisa” (PARANHOS, 2017, p. 384). Assim, o termo iniciação não se refere só aos neófitos, mas a todos, inclusive aos que já iniciaram a caminhada de fé.

E, por fim, pretende-se apontar que o acompanhamento espiritual dentro de uma compreensão evangélica, da ação do Espírito Santo, voltada para a iniciação cristã, só pode encontrar um sentido, renovado e atual, da ação pastoral, a partir da mistagogia. A partir destes

questionamentos, será realizada uma pesquisa bibliográfica que contribua à busca de pistas, diante das questões levantadas acima, destacando que o assunto exige um aprofundamento maior, além do possível, para este artigo.

## 1 ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

O Acompanhamento Espiritual (AE) é um caminho de reaproximação do homem com Deus. Neste percurso toda a direção é dada à ação do Espírito Santo, que realiza a presença e a experiência com Deus, renovada na vida do acompanhado. O Espírito Santo é o verdadeiro acompanhante, o que precede.

Segundo De Mori (2019, p. 3-4), é possível pensar esta direção por duas vias paralelas: em primeiro lugar, pela ação do Espírito Santo, o acompanhante ouve o acompanhado, como ele se conforma à imagem e semelhança de Deus, no coração (via interioridade) e na vida presente, no seu contato com o mundo. Em segundo lugar, pensar o ser humano a partir da fé cristã, dos principais conteúdos a partir dos quais a fé o pensou, ou seja, assemelhar-se a Jesus de Nazaré.

No *Dicionário de Espiritualidade* (ERMANN, 2012, p.577-579) o termo, “Conformidade à vontade de Deus” significa: encontrar a vontade de Deus e conformar-se a ela é o problema mais importante e decisivo da vida. A criatura, então, “é” e “vale” enquanto realiza o plano do Criador, que é o ser e o valor, do qual tudo vem e ao qual tudo retorna. “Aqui está o homem inteiro” porque “o que faz a vontade de Deus, permanece para sempre”. O acompanhamento espiritual é um serviço de conformação a Cristo pela ação do Espírito Santo. Supõe a vontade do acompanhado de mover-se, pois o Espírito tende a movimentar a configurar a pessoa a Cristo, através de um carisma. O elemento necessário para se fazer a vontade do Espírito é a fé.

Essa conformação a Deus é um dom do Espírito Santo, sua inabitacão em nós, para nos fazer filhos e filhas. (...) A liberdade implicada no deixar-se conformar não é um dado pressuposto, mas uma forma posta no ser pelo Espírito, no humano mesmo. O Espírito (graça) não é alternativo à liberdade (DE MORI, 2019, p. 5).

A função do acompanhante espiritual será a de escutar, fazer um peregrinar, sobre o processo, o caminho, do acompanhado espiritual, que busca o seu encontro com Deus. “Este processo além de teológico é antropológico, pois o ser humano encontra a si mesmo no encontro com o outro - e teológico - a realidade relacional do corpo místico de Cristo” (MONDONI, 2002, p. 157).

## 1.1 O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL: O CAMINHO DE UMA BUSCA DO PRÓPRIO HOMEM À LUZ DE JESUS CRISTO

Poderíamos perguntar: apesar de toda a autocomunicação de Deus, por que o homem ainda é um enigma para si mesmo?

1. O homem é obra por excelência de Deus. Criado como “muito bom” (Gn 1,22.31).
2. Imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26; Gn 5, 1-3).
3. O Homem é o interlocutor de Deus, a quem Deus conhece, ama, compreende e com quem quer estar unido, por meio de uma aliança.
4. O homem é o filho de Deus, amado por ele acima de todas as coisas. (Mt. 6,8; Mt 18,23).
5. Para Jesus o homem não é problemático em si mesmo. Seus problemas surgem na ausência de Deus nele.
6. O homem para Jesus não é um homem fechado a partir de uma compreensão abstrata de si mesmo, mas um homem individual, concreto e único.

O homem está para o fato de que é Deus quem diz quem é o ser humano. A pessoa vai descrevendo, no acompanhamento espiritual, o caminho que Deus faz continuamente na sua vida. A maneira como ele é conduzido por Deus. A partir de Jesus de Nazaré, a história do homem, conforma-se com o projeto de Salvação de Deus. No entanto, o acesso a este projeto de salvação é um mistério, conforme é possível observar abaixo:

Mistério no sentido de que é ele demasiado rico, demasiado profundo e demasiado amoroso para ser conhecido e, portanto, é Deus. Os acompanhantes espirituais podem apenas ser companheiros para ajudar aqueles que viajam, pelo caminho semelhante de Jesus (BARRY & CONOLLY, 1990, p.144).

O acompanhamento espiritual é um caminho diante da busca existencial do homem de estar consigo mesmo a partir da sua relação com Deus. Nas palavras de Vásquez:

É o próprio Deus que caminha e orienta para o Mistério do seu Caminho, os caminhos todos da pessoa. Esta possui assim a memória de uma história espiritual aberta que lhe proporciona um horizonte de referências e um sentido graças ao qual tem também a possibilidade ainda de continuar caminhando (VÁSQUEZ, 1994, p. 57-58).

O homem se constrói e se identifica com esse Deus, o invisível e insaturável, vivendo a sua fé na maior escuridão. Nesse sentido, “o mistério do homem somente é possível sondar como o mistério de Deus e vice-versa. Poderíamos dizer que para Jesus, a prova mais clara da existência de Deus é a vida do homem. A partir deste mistério, naturalmente o homem estará

diante das suas limitações, terá inúmeras demandas sobre si mesmo e a esse Deus. Questões “existenciais como: “o sentido da vida”; “quem é o homem”; “qual a forma correta de viver”; “como posso encontrar a felicidade” etc. sempre vão rodear o caminho dos homens que negam a sua incapacidade de compreender tudo.

Assim sendo, a primeira coisa a fazer quando procuramos o acompanhamento espiritual é tocar nas nossas próprias lutas, dúvidas e inseguranças – ou seja, aceitar a nossa vida como uma demanda de uma busca pessoal diante do que mais nos toca, diante da experiência relacional com Deus. A sua vida, a minha vida foram dádivas de Deus. Como afirma Nouwen, “não são problemas a serem resolvidos, mas viagens a empreender, tendo Jesus como amigo e o melhor dos guias” (NOUWEN, 2016, p. 26). Assim, o acompanhamento espiritual ajuda a pessoa a saber a verdade sobre si mesma, a sua unicidade com Cristo e sobre o máximo sentido dado gratuitamente por Deus, à humanidade de Jesus de Nazaré.

A proposta do acompanhamento espiritual, a partir de Jesus de Nazaré, é um processo de integração que configura a pessoa inteira e a plenifica: nossa interioridade, o próprio coração, a própria afetividade, nosso entendimento e nossa própria corporeidade (CÁRDENAS, 1999, p. 58). Somente a partir de uma experiência de encontro com Deus, que é amor, de uma forma existencial, é que o homem, deixando em segundo plano, todos os seus atributos racionais vai associar o mistério sobre si mesmo, ou seja, as marcas existenciais de Deus na sua vida (VÁSQUEZ, 2001, p. 10), com o mistério de Deus, da sua encarnação, da sua cruz morte/ ressurreição e do seu amor. O testemunho que cada cristão dá na sua vida deste amor de Cristo é contagiante e é ele que pode transformar as relações pessoais em oportunidades de evangelização, ou seja, de se colocar no lugar do outro, de caridade, de estar com o outro.

Apropriar-me do modo como Jesus compreende o mundo a maneira como Ele viveu a sua vida. Por isso, a importância de sacrificar o próprio ego (o individualismo, o egoísmo) para deixar espaço para Deus agir, pela ação do Espírito Santo, na vida do homem, no seu processo de conformação a Ele. Diante deste caminho o ser humano vai realizar a sua liberdade na forma como Jesus viveu a sua liberdade. Jesus que é o filho voltado para o Pai, de obediência ao Pai, pela ação do Espírito Santo. Para o homem ser cristão vai supor a existência de toda a sua vida, a obediência à graça de Deus e a predestinação da salvação, a toda a humanidade.

Esta predestinação é como uma escolha universal, de Deus, por todos os homens. No entanto, Deus não violenta a nossa liberdade, mas se oferece em sua morte e ressurreição, para a salvação. A liberdade que Deus nos dá não está associada à nossa opção pelo egoísmo ou ao individualismo, eu escolho o que é melhor para mim.

Aquilo que caracteriza a obra do Espírito Santo nessa humanidade que perdeu o seu verdadeiro modo de existir, é sempre a caridade, porque, por onde passa o sopro do Espírito, a humanidade apreende-o como caridade. Por onde quer que sopra o vento do Espírito Santo, florescem rebentos de abertura, por que o primeiro sinal da vida segundo o Espírito é precisamente a abertura (RUPNIK, 2019, p. 97).

## 1.2 O ESPÍRITO SANTO

Seguindo as afirmações de Libanio, “O homem é, pois, a própria condição de possibilidade da ação do Espírito. Como ser espiritual pode experimentar em si, pode ouvir o Espírito. Sua vida é uma busca desta palavra, desta fala do Espírito” (LIBANIO, 1977, p. 9). Sob a ação do Espírito Santo somos convidados à corresponsabilidade, junto de Deus, de levar a Boa Nova de Jesus Cristo a todos os homens, ou seja, àqueles que necessitam de Deus, desejosos por encontrar-se com Ele e de viver esta liberdade até às últimas consequências. Somente pela Graça de Deus e a prontidão da ação do Santo Espírito é que poderemos olhar para além de nós mesmos e nos colocarmos a serviço do próximo, como por exemplo, na evangelização.

Claramente que não é pela capacidade humana, mas para isso o Espírito Santo concede também aos fiéis dons particulares, distribuindo-os para cada um da forma que lhe apraz (1Cor 12,11). Somos todos capazes de utilizar os dons de Deus, dados pelo Espírito, em favor do próximo. Nesse bojo, “o acompanhamento espiritual tem que evoluir, passando a se preocupar não somente com a santidade e a busca da vontade de Deus como também com a articulação dessa vontade com a responsabilidade pelo mundo” (CABARRÚS, 1991, p. 95).

O Espírito Santo é o movimento de Deus na sua Igreja colocando-a em reflexão. O Papa Francisco tem insistido para uma igreja “em saída”, que se coloque a serviço missionário, conforme afirma o pontífice em *Evangelii Gaudium* (EG) (2014). O acompanhamento espiritual é um ministério da Igreja para ser colocado a serviço do povo de Deus. Historicamente, esse ministério não se limita aos que foram ordenados:

(...) A direção espiritual pode ser considerada (...) a forma central da qual todas as outras formas de assistência pastoral se irradiam, já que, em última análise, todos os tipos de assistência pastoral e de aconselhamento visam, ou deveriam visar, ajudar as pessoas a centralizarem suas vidas no mistério a que chamamos Deus (BARRY, 2005, p. 111).

Nota-se, portanto, que a busca, pelo atendimento, quando colocado a serviço pastoral, está emergindo com destacada ênfase nas comunidades. Cada vez mais pessoas estão buscando este acompanhamento. Pela ação do Espírito Santo, tanto quem dá o acompanhamento como quem o recebe, estão a serviço da Igreja, ou seja, numa escuta empática de cada um que procura se reaproximar de Deus, a partir de sua história e de sua experiência com Deus, ambos buscam discernir o caminho da fé.

Este serviço de escuta, de ajuda ao irmão, sob um olhar mistagógico, “pegar pelas mãos”, quem busca uma reaproximação com Deus faz parte de uma compreensão missionária da Igreja. A graça recebida diante desta busca, o discernimento, dado gratuitamente por Deus, ao acompanhado, pela ação do seu Santo Espírito. Deveriam motivar o desejo e a vontade do serviço à igreja.

Este serviço à Igreja, de escuta, comunga com a vida dos primeiros cristãos, que com a fé e a vivência espirituais que tiveram junto de Jesus Cristo – a experiência de sentir-se amado por Ele, experiência de vida – sentiam-se tão cheios de seu Santo Espírito que levavam a todos que não o conheciam o testemunho de Jesus de Nazaré, sendo que através dele pudessem descobrir a vontade de Deus (RUPNIK, 2019).

A partir de uma situação de crise, a secularização da sociedade delve levar a repensar nos dias de hoje, uma Igreja missionária, voltada para uma catequese permanente é uma ação do próprio Espírito Santo, que sopra diante das necessidades da sua igreja. Quando associamos o acompanhamento espiritual com a mistagogia é estar em consonância com esta realidade renovada, no mesmo Espírito.

A igreja missionária deve estar inserida em uma espiritualidade de fé, de valores e de testemunhos, semelhante ao que se busca em um processo do acompanhamento espiritual. Sob a visão mistagógica, pensar a experiência com Deus, do acompanhante, ou de um catecúmeno é propor a possibilidade de se encontrar com Deus, de uma forma mais íntima, que não envolva só o intelecto, mas o seu o coração.

Segundo Nouwen, “O primeiro passo para essa passagem é olhar para dentro, de si mesmo, refletir sobre o nosso dia a dia e procurar Deus e sua atividade em tudo isso” (NOUWEN, 2014, p. 24). O coração na tradição bíblica é o centro do nosso ser. É o lugar onde não há divisões; trata-se do núcleo interior no qual estamos unificados conosco mesmos, com Deus e com as outras pessoas e com o resto da criação (RANIERI, 2015, p. 86).

## 2 MISTAGOGIA

Como o acompanhamento espiritual pode ajudar um outro ser humano a ter um olhar espiritual sobre si mesmo? Indo para além da compreensão humana, relacionada muitas vezes, a um sentimento de desamparo, diante dos problemas e dificuldades, o homem distante da experiência de filiação amorosa com Deus, sente-se incapacitado de lidar sozinho com as adversidades da sua vida. Como sair desta situação de solidão para se tornar um caminhante junto de Cristo? Como fazer essa mudança de paradigma?

Podemos entender o termo mistagogia como: esta palavra vem do grego *mist*, que indica “mistério, o oculto” e *agagein*, “conduzir, guiar”. Refere-se a tudo o que ajuda a conduzir ao mistério (grego: *myo*, “fechar, ocultar”). Mistagogia significa “ser introduzido no mistério”, ou seja, no plano salvífico de Deus de salvar o mundo em Cristo (Ef 1,3-13).

O mistagogo é aquele que toma pela mão os irmãos e o introduz no mistério, ou seja, leva-os a encontrar-se verdadeiramente com Cristo. O mistagogo, evidentemente, prescede a mistagogia. Por que aquilo que acontece é em relação às pessoas humanas e divinas, que se encontram” (PARANHOS, 2016, p. 387).

Mas como pensar uma condução mistagógica no acompanhamento espiritual? À luz do texto “O Peregrino”, de Santo Inácio, é possível pensar o processo mistagógico, no acompanhamento espiritual, indagando-se: “Por Cristo”: “Considerar o que faço por Cristo”; Compreender a própria vida à luz da vida de Cristo. “Com Cristo”: “Quem quiser vir comigo” A leitura da vida acontece à luz do Evangelho na Igreja e como Igreja. A eucaristia, como o ápice deste momento. E, por fim, “Em Cristo”: “O que devo fazer e padecer com, em e por Ele”. O seguimento de Jesus se dá no caminho pascal. No mistério da sua morte e ressurreição. Não se trata só de fazer as coisas pelo Senhor, mas de seguir o seu caminho (FRETES MARTINEZ, 2008, p. 112-116).

Berger, a partir de uma visão sociológica

diz que a teologia começa não com o Deus que revela, mas com o ser humano e sua experiência humana. Em outras palavras Berger diz que a verdadeira experiência humana que está em dúvida é, paradoxalmente, o ponto em que encontraremos a resposta. Nele E só nele encontraremos os sinais da “transcendência”, o “rumor dos anjos” (BERGER, apud BARRY, 1990, p. 32).

A escuta, a atenção À experiência humana relatada pelo acompanhado, faz com que nos defrontemos com a questão de Deus.

A questão não é respondida apenas por ter sido formulada. Nem pode ser descartada como frívola. O esforço para respondê-la exige um movimento de interiorização, já que a resposta é alcançada não pelo exame de algum exemplo ou objeto exterior, mas entrando em acordo com a plenas implicações do que significa ser um formulador de questão (BERGER, apud BARRY, 1990, p. 32).

O que não está explícito, é que a ação enquanto sujeito indagante, a partir da sua experiência com Deus, é o a priori da sua necessidade humana. A experiência com Deus é uma indagação que o homem faz sobre si mesmo. E que o coloca na dinâmica relacional com Deus. Rupnik vai dizer que

O método da teologia espiritual é um método ‘simbólico’ no sentido da primeira época cristã, onde o símbolo era um modo de ver a realidade, escrito na Criação, realizada por meio do Verbo e levada a cumprimento pela encarnação de Cristo: assim também todas as realidades fenomênicas manifestam entre si mesmas algo de mais profundo e de mais real e que, todavia, se manifesta através dela. Então, quando o pensamento as verifica, não o faz com os esquemas de linguagem que habitualmente utiliza. O mergulho no mistério de Deus (...) possui um caráter fortemente simbólico. O símbolo aponta para o “algo mais” que a relação entre dois ou mais indivíduos é capaz

de produzir e comunicar mexe com sentimentos e fortalece compromissos (...). No campo religioso os símbolos são realidades sensíveis utilizadas para a produção de envolvimento pessoal e comunitário com as realidades transcendentais e invisíveis (RUPNIK, 2019, p. 40).

Através do simbólico, as pessoas se sentem comprometidas com o mistério profundo das coisas, das pessoas e do próprio Deus. O mistério encontra-se no processo mistagógico, de conformação, de seguimento de Jesus de Nazaré. Em última instância, leva o homem a uma união espiritual com Deus. Referindo-se à catequese mistagógica, Silva vai dizer que

A catequese mistagógica consiste em ajudar a pessoa a fazer a experiência da Presença de Deus na sua própria vida, no seu íntimo, como também nos sinais de comunicação incessantes no mundo, na sua Palavra, na história, na natureza, nas comunidades, nas relações e nos acontecimentos (SILVA, 2017, p.47).

Portanto, a recuperação da mistagogia no acompanhamento espiritual é um trabalho de mediação adequado e necessário diante de uma sociedade indiferente e incrédula. Nesta mesma linha podemos indicar Tetlow (2006); Vásquez (2001); Ruiz de Gopegui (2005); Barreiro, (2004); Josaphat (1990); Barry (1997); Mardones (2003).

## CONCLUSÃO

Sentir-se amado por Deus a partir dos Mistérios de Jesus Cristo, de sua morte na cruz e de ressurreição, na própria vida humana, é uma visão mistagógica, da maneira como o Espírito Santo guia no acompanhamento espiritual, o encontrar-se com Deus.

A partir de uma visão antropológica o homem se coloca, como aquele que se pergunta sobre si mesmo “quem sou eu” e “para onde eu vou”. E sob a visão mistagógica, as respostas, para as questões essenciais sobre a sua vida não estão fora, mas nele próprio, na sua conformação a Jesus de Nazaré.

A partir das suas indagações dirigidas a Deus no dia a dia, nas súplicas, no seu momento de oração de silêncio, e de afirmação da sua fé, de agradecimento em qualquer momento da sua vida o homem retoma a sua certeza de já ter sido amado primeiro por Deus.

O acompanhante espiritual é um mistagogo. Porque a ação do Espírito Santo precede o que de humano poderia ser dito. Isto porque o acompanhamento espiritual não se dá pelo que se pode atribuir basicamente pelo entendimento.

Por fim podemos dizer que é possível correlacionar que não só no acompanhamento espiritual é necessário retomar os sentidos mistagógicos, da fé cristã. Como também diante de uma sociedade, secularizada. E entrar em diálogo com a cultura contemporânea. Diante de uma dificuldade de transmitir a fé, de traduzi-la em outra linguagem. A tradição que perguntando sobre a fé, pergunta sobre o sentido pela vida humana. Para Mardones (2003) é

preciso, portanto, localizar o que poderíamos chamar de reação ou virada simbólica, no guiar o homem, no seguimento da fé cristã.

Para Newman a refutação da fé nasce muitas vezes de uma inadequação do coração, não do intelecto. Daí a importância da imaginação. A imaginação tem a função de tornar a fé uma presença viva na vida das pessoas.

Porém, é necessário que cada ser humano viva o seu próprio drama interior sobre a fé. Mas não vive esse drama sozinho, vive em comunidade. Neste caminho a imaginação é importante, mas também a verdade, a liberdade e a beleza que toca a fé no coração e na realidade de cada um.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. C. *A pastoral numa igreja em saída*. São Paulo: Loyola, 2018.
- BARREIRO, Álvaro. *Buscar a Deus e encontrar-se em Deus*. Como orar no mundo de hoje. São Paulo: Loyola, 2004.
- BARRY, W.; CONNOLLY, W. *A prática da direção espiritual*. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1990.
- BARRY, W. *A direção espiritual e o encontro com Deus*: uma indagação teológica. São Paulo: Loyola, 2005.
- BARRY, W. *Para encontrar Deus em todas as coisas*: Retiro para os exercícios espirituais de Santo Inácio. São Paulo, Loyola, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA. 1ª edição. Brasília: CNBB, 2018.
- CABARRÚS, Carlos R. *A pedagogia do discernimento*: A ousadia de “deixar-se levar”. São Paulo: Loyola, 1991.
- ERMANN, Ancilli. *Dicionário de Espiritualidade*. vol. I. Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (org.). São Paulo: Loyola/ Paulinas, 2012.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CÁRDENAS, Salvador V. “Alguns pressupostos do acompanhamento espiritual”. *Revista Itaici - Revista de Espiritualidade Inaciana* (Set de 1999).
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência geral Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- FRETES MARTINEZ, Nancy Raquel. *El acompañamiento espiritual un ministerio profético al servicio de la inmediata comunicacion creador-criatura en Ignacio de Loyola*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: FAJE, 2008.
- GESCHÉ, A. *O ser humano*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GONÇALVES, Ranieri de Araújo. *Introdução à práxis da Orientação Espiritual*. Apostila ECOE 1º módulo, 2018.
- JORGE, José Antônio. *O serviço da escuta cristã*: Formação de equipes e implantação nas paróquias. São Paulo: Vozes, 2008.

JOSAPHAT, Carlos. *Fé, esperança e caridade: encontrar Deus no centro da vida e da História* São Paulo: Paulinas, 1998.

LIBANIO, J. B. *Discernimento Espiritual*. Reflexões Teológicas-Espirituais. São Paulo: Loyola, 1977.

MACHADO, Ariél P. Aspectos metodológicos que brotam da inspiração catecumenal: pistas para a formação de discípulos missionários. *Vida Pastoral*. Ano 60, nº 325. Jan-fev. de 2019.

MARDONES, José Maria. *La vida del símbolo: La dimensión simbólica de la religión*. Espanha: Editorial SAL TERRAE/SANTANDER, 2003.

MONDONI, Danilo. *Teologia da Espiritualidade Cristã*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

DE MORI, G. *Antropologia Teológica e Orientação Espiritual: Dizer o humano à luz de Jesus de Nazaré*. (material não publicado utilizado em sala de aula).

NOUWEN, Henri. *Acompanhamento Espiritual*. Braga (Portugal): Editorial A.O., 2016.

NOUWEN, H. *A formação espiritual seguindo os movimentos do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2012.

PARANHOS, W. S. *Teologia Sacramentária e a Liturgia em Perspectiva Teo-Metodológica: O caso da Iniciação Cristã entre 1990-2015*. Tese de Doutorado, Roma: Università Pontificia Salesiana, 2016-2017.

RANIERI, A. G. “A formação espiritual como movimento da cabeça para o coração”. *Revista Itaici- Revista de espiritualidade Inaciana*. São Paulo, nº 102, dez. 2012.

REINERT, J. F. “Inspiração catecumenal e conversão pastoral”. *Vida Pastoral*. Ano 60, nº 325. Jan-Fev de 2019.

RUIZ de COPEGUI, J. A. *Procurar e encontrar Deus no dia a dia por meio dos exercícios espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 2005.

RUPNIK, M. I. *Segundo o Espírito: A teologia espiritual no caminho com a igreja do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019.

SILVA, A. M. “O papel do catequista mistagogo”. *Revista de catequese*. São Paulo, ano 40, nº 150. Jul-dez de 2017.

TETLOW, J. A. *Encontrar com Deus em todas as coisas*. São Paulo: Loyola, 2006.

VÁSQUEZ, U. *A orientação espiritual: Mistagogia e Teografia*. São Paulo: Loyola, 2001.

VÁSQUEZ, U. Pequenos avisos sobre a orientação espiritual um roteiro. In - *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana*. V.5 n. 18, p - 55-59. Dez. 1994.